LUMEN ET VIRTUS

Delineamento metodológico voltado a uma realidade de educação inclusiva no ensino fundamental anos finais

https://doi.org/10.56238/levv15n39-003

Laio Lopes
Laio Lopes, Doutorando em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
E-mai:laiolopes22@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3031-5762

RESUMO
Para atender a esta proposta, a pesquisa qualitativa foi o que contemplou a dinâmica organizacional do processo investigativo, pois é uma abordagem que possui maior flexibilização para adequações e possíveis ajustes, gerando maior autonomia ao proponente na tomada de decisões, sem descaracterizar a exigência de muita leitura e reflexão do pesquisador. Dada esta opção de abordagem qualitativa de pesquisa, este artigo tem a finalidade de apresentar o delineamento da metodologia que envolve situar a abordagem e tipo de pesquisa, seus instrumentos e técnicas, bem como o percurso destes no processo de investigação desenvolvido em campo de realidade aonde foram analisadas estratégias curriculares para alunos com necessidades educacionais especiais na perspectiva da educação inclusiva.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Fundamental II, Educação Especial.

1 INTRODUÇÃO

Sendo a escola de educação básica o campo desta investigação, a abordagem qualitativa propiciou um processo de planejamento contínuo, as estratégias prévias e ações realizadas, além da possibilidade de interação dos participantes com o pesquisador. Para Chizzotti (2003, p. 223), existe uma simbiose de orientações teóricas que fundamentam a pesquisa qualitativa:

> A pesquisa qualitativa abriga, desse modo, uma modulação semântica e atrai uma combinação de tendências que se aglutinaram, genericamente, sob esse termo: podem ser designadas pelas teorias que as fundamentam: fenomenológica, construtivista, crítica, etnometodológica, interpretacionista, feminista, pós-modernista; podem, também, ser designadas pelo tipo de pesquisa: pesquisa etnográfica, participante, pesquisa-ação, história de vida, etc.

No âmbito da pesquisa, se apropriar das necessidades da investigação propicia a compreensão das possibilidades para orientar a organização dos dados coletados. A pesquisa qualitativa foi escolhida como uma proposta alternativa à pesquisa quantitativa, uma vez que a primeira favorece melhor contextualização das análises aqui pretendidas, sobre um cotidiano escolar (BAUER, GASKEL, 2002; TRIVINOS, 2008; GIBBS 2009; MINAYO, 2010).

Para Günther (2006), a diferença mais evidente entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa está na dinâmica estabelecida entre o pesquisador e seu objeto de estudo.

O conceito de pesquisa qualitativa é posto por Godoy (1995, p.62) como "[...] o estudo e análise do mundo empírico e seu ambiente natural". As observações dos fenômenos no campo da educação possuem uma multiplicidade de manifestações que demandam de estratégias que investiguem as vivências analisadas no espaço escolar. Guerra (2006) atribui a múltiplas intersecções individuais à exigência de uma visão global dos acontecimentos para alcançar os resultados da pesquisa. O papel exercido pelo pesquisador, para a compreensão do ambiente de estudo, perpassa as experiências e domínio do conhecimento com o objeto de estudo.

Ao instrumentalizar uma análise de dados, seja por meio de observações ou de entrevista semiestruturada, a investigação qualitativa gera uma flexibilidade que demanda uma sistematização da pesquisa de forma a detalhar as ações no campo. Entretanto, não cabe uma acomodação do pesquisador pela falta de rigidez nas exigências que uma pesquisa quantitativa propõe, conforme destaca Chizzotti (2003, p.232):

> A consciência e o compromisso de que a pesquisa é uma prática válida e necessária na construção solidária da vida social, e os pesquisadores que optaram pela pesquisa qualitativa, ao se decidirem pela descoberta de novas vias investigativas, não pretenderam e nem pretendem furtar-se ao rigor e à objetividade, mas reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos nomotéticos de analisá-la e descrevê-la.

Para uma orientação que relacione alguns aspectos importantes para pesquisa qualitativa Gibbs (2009) elencou sete características necessárias para a escolha desta abordagem, sendo:

-Possuir interesse em experiências no contexto natural da pesquisa e ter acesso a documentos;

-Estabelecer as hipóteses e conceitos no desenvolvimento do processo da pesquisa;

- Adequar teorias e métodos ao objeto de estudo;

- Compreender sua importância como pesquisador relativo ao comportamento, suas identidades e saber interpretar as situações advindas do campo;

- Analisar com atenção o contexto e o "caso" que está sendo estudado;

- Basear suas reflexões em textos escritos, como: notas de campo, transcrições e descrições de registro de dados;

- Empreender qualidade na pesquisa qualitativa compreendendo uma avaliação constantemente.

O fato escolhido neste estudo sobre a abordagem qualitativa associada com o estudo de caso, tendo como produto a realização de um documentário, constitui um conjunto de fatores que irão se complementar para a produção do conhecimento na área. Nesse sentido,

> A vertente qualitativa trabalha preferencialmente no "contexto descoberta", embora, [...], não se exclua a possibilidade de incursões no "contexto de verificação", na medida em que estudos podem ser planejados para investigar se relações em outros contextos ou através de outras metodologias se confirmam (ALVES, 1992, p.57).

Assim, no planejamento a partir da abordagem qualitativa, algumas ações foram pensadas no decorrer do trabalho de campo. Nesse caso, foi estabelecido que os temas pensados para o objeto de estudo e concebido no desenvolvimento da pesquisa, requisitavam de uma revisão e constante avaliação do estudo para que a flexibilidade qualitativa fosse a favor da pesquisa.

A constituição do grupo participante para a realização das entrevistas qualitativas, dentre outras técnicas de coleta de dados, ocorre pela representatividade amostral (MINAYO, 1998). Essa concepção amostral de entrevistas é tida por Fraser e Gondim (2004, p.148) como uma representatividade "[...] de grande parte dos membros deste grupo inserido em contexto específico".

A pesquisa dos fenômenos existentes no contexto pesquisado pede uma construção de etapas que compreendem regras na produção da pesquisa. No caso da análise qualitativa, é imprescindível compreender as diferenças e semelhanças da forma de registro observacional e da entrevista. Conforme Duarte (2002), a elaboração de roteiro de entrevistas e formulação de perguntas, com a abordagem qualitativa, torna-se árdua no processo e pelas circunstâncias, pois trata-se de um exercício crítico conforme a audição das gravações e a leitura de registros oriundos de perguntas abertas.

2 METODOLOGIA

A partir desta abordagem e dentre os tipos pesquisa pertinentes a esta, a pesquisa do tipo **estudo de caso** foi escolhida, dado o contexto da investigação e a relação com os sujeitos. Conforme André (2005, p.33), neste tipo de pesquisa, "uma das vantagens no estudo de caso é a possibilidade de fornecer uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis".

Bogdan e Biklen (1994, p. 89-90) corroboram com esta linha de pensamento investigativo ao descreverem que "[...] o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto". Argumentam ainda que em estudos de caso de observação, como se caracteriza este trabalho, a "observação participante e o foco de estudo centram-se numa organização particular [...] e os setores da organização, tradicionalmente, se focam" em: [1] um local específico (ex.: sala de aula, sala de professores); [2] um grupo específico de pessoas (ex.: professores de uma equipe); [3] uma atividade da escola (ex.: planejamento de ações para estudantes com alguma especificidade).

O estudo de caso se baseia no *lócus* da unicidade, ou seja, a unidade é objeto a ser estudado. Desta forma, o aprofundamento do pesquisador sobre o estudo de caso vai se dar na particularidade, como exemplo, das características do sujeito ou de um contexto relevante para a investigação (ANDRÉ, 2005; MARTINS 2008; COIMBRA; MARTINS, 2013; YIN 2015). Para Bressan (2000, p.5), "a definição de unidade de análise está ligada à maneira pela qual as questões de estudo foram definidas".

Como tipo de pesquisa, o estudo de caso compreende atentamente um contexto social. Pelo fato de fornecer dados específicos, o estudo de caso se adequa a propostas de pesquisas que possuem um público alvo delimitado e busca um detalhamento do ambiente. Conforme os autores Meirinhos e Osório (2010), as características da investigação qualitativa articulam com a essência do estudo de caso. O caráter empírico da investigação de determinado fenômeno procura identificar as práticas sociais e culturais aonde há uma pluralidade de hipóteses e evidencias. (MARTINS, 2008) e a partir da intenção da pesquisa cabe pensar nas estratégias de aprofundamento do fenômeno abordado.

O fator essencial para a condição exploratória do estudo de caso é proporcionar ao pesquisador um desejo de investigar e realizar descobertas. Conforme Yin (2015, p. 4) "quanto mais suas questões procurarem explicar alguma circunstância presente (por exemplo, "como" ou "por que" algum fenômeno social funciona), mais o método de estudo de caso funciona". Conforme o mesmo autor, há cinco importantes componentes, que podem também ser entendidas como etapas para a pesquisa de estudo de caso:

1- Levantar questões do estudo de caso,
2- Caso houver, estabelecer proposições,
3- Identificar a(s) unidade(s) de análise(s),

4- Articular dados com as possíveis proposições,

5- Interpretar os conceitos e constatações por meio de critérios definidos.

A interpretação dos fatos na perspectiva do estudo de caso necessita de um enfoque que dinamize a complexidade de cada questão abordada. Compreender determinado contexto real pode ser problematizado conforme suas experiências e descrições do que é concebido como realidade. Assim, a investigação é um ato contínuo que se atenta às múltiplas possibilidades de entendimento do propósito do estudo de caso (MARTINS, 2008).

Um aspecto que enfatiza a pluralidade de ideias e interpretações são os conflitos entre conceitos e as escolhas traçadas para representar alguma evidência. Na busca da informação, um conjunto de dados coletados devem estar à disposição no estudo de caso, pois:

> O pesquisador também deve estar preparado para fazer uso de várias fontes de evidências, que precisam convergir, oferecendo, dessa maneira, condições para se afirmar fidedignidade e validade dos achados por meio de triangulações de informações, dados, evidências e mesmo de teorias (MARTINS, 2008, p.60).

A pesquisa qualitativa associada ao estudo de caso de observação não restringe o investimento de apresentação de dados, inclusive de caráter quantitativo, para uma exposição que enfatize alguma questão. O estudo de caso proposto nesta pesquisa aderiu a um amplo número de sujeitos participantes em uma única instituição. “Na investigação educacional, as unidades que originam os estudos de caso são, normalmente, as organizações escolares ou um ou vários(as) estudantes(as) ou um ou vários(as) professores(as)” (SARMENTO, 2011, p.138).

Nesse contexto, o objeto de estudo a ser analisado foi previamente pensado para manter uma unidade a ser investigada. O acesso ao local de pesquisa foi imprescindível para o tipo de pesquisa escolhido. Não bastou apenas obter permissão de estar no ambiente, mas estabelecer uma relação de confiança com os sujeitos e compreender como se organiza a hierarquia do local. Essa relação de confiabilidade deve transpor um comportamento de observância e seriedade na investigação sem perder a condição de ser bem quisto com os sujeitos da pesquisa.

A opção do estudo de caso para esta pesquisa consiste no dimensionamento que a investigação apresenta sobre o interesse de entender um dado em particular. As técnicas competentes de distanciamento do contexto estudado se referem na imersão no ambiente com o esforço de analisar de forma crítica os aspectos característicos ao local, sujeitos ou grupo estudado.

2.1 LOCAL DA PESQUISA

Para realizarmos a pesquisa no contexto da inclusão escolar, com o objetivo de congregar professores do ensino comum do EF-II, compreender a existência de práticas de professores do atendimento educacional especializado (AEE), bem como os estudantes, existe a necessidade de

analisarmos quais aspectos institucionais caracterizam as ações da educação especial na instituição escolhida.

O local deste estudo tornou-se um campo de pesquisa viável diante a sua historicidade e reconhecimento na sociedade como ensino de qualidade. Além disso, os componentes necessários para a realização da pesquisa, como o público alvo do ensino fundamental II e ações sistematizadas na área da educação especial, estão presentes no campo selecionado.

Trata-se de uma instituição pública de ensino fundada em 02 de dezembro de 1837 e possui como destaque a projeção dos estudantes a profissões de expressão e formação de quadros políticos, de relevância social e cultural. Atualmente é reconhecida institucionalmente como um Instituto Federal de Ensino (IFE). Sua estrutura corresponde 12 *campi* existentes no município do Rio de Janeiro, uma unidade de educação infantil e dois *campi* localizados fora do município do Rio, sendo um em Niterói e um em Duque de Caxias. Ao todo, quase 13 mil estudantes estão matriculados no processo de escolarização que compreende desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Integrado e a Educação de Jovens e Adultos (Proeja), além da oferta de pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu.

Dentre os *campi* presentes no município do Rio de Janeiro e fora dela, o de São Cristóvão (CSC) foi o escolhido para esta pesquisa por apresentar possibilidade de acesso ao campo, assim como contexto que abarca os objetivos de investigação propostos. Próximo ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (Feira de São Cristóvão) e a Quinta da Boa Vista, além de atender à Educação Básica completa, abriga a Unidade da Direção Geral da Instituição com amplo setor administrativo, um complexo esportivo com quadras poliesportivas, piscina e pista de atletismo, além de um programa de mestrado profissional em práticas de educação básica.

Neste cenário, o campo de investigação corresponde, especificamente ao contexto do Ensino Fundamental II (CSCII). A distribuição de horários na matriz curricular se estabelece da seguinte maneira: no turno da manhã as aulas são de segunda à sexta feira de 7h00 às 12h00, no turno da tarde de 13h00 às 18h00. Aos sábados de 7h às 11h10 e pela tarde de 12h00 às 16h10. No quadro n. 4, que segue, podemos observar o número de tempos de aula de 45 minutos, por disciplina, correspondente a cada ano de escolaridade.

Quadro 4. Tempos de aula semanais por disciplina e ano de escolaridade no Ensino Fundamental II

Componentes Curriculares	Nº de Tempos semanais por ano de escolaridade			
Disciplinas	**6º**	**7º**	**8º**	**9º**
Português	5	5	5	5
Inglês	3	3	3	3
Francês	2	2	3	3
Educação Musical	2	2	2	2
Artes Visuais	2	2	2	2
Educação Física	2	2	2	2
Informática Educativa	2	2	x	x
História	3	3	3	3
Geografia	3	3	3	3
Ciências Sociais	X	2	2	2
Ciências	3	3	3	4
Matemática	4	4	5	5
Desenho	2	2	2	2
Total	**33**	**35**	**35**	**36**

Fonte: Site da página da Instituição foco da pesquisa[1].

Compreender o planejamento dos componentes curriculares e a organização pedagógica do Ensino Fundamental II subsidia a análise de como a diversidade curricular emana nos anos finais do Ensino Fundamental.

Baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/BRASIL, 1998), o documento sobre o Projeto Político-Pedagógico (PPP, 2002) orienta a proposta curricular desta escola, tendo vigência até os dias atuais. Denominado de Segundo Segmento do Ensino Fundamental, os conceitos filosóficos de cidadania e uma metodologia que forme as competências cognitivas ditam a importância destes aspectos para dar continuidade à proposta curricular do Ensino Fundamental I ou Primeiro Segmento como consta no documento, e encaminhar as habilidades que deem perspectiva para estudante no Ensino Médio.

A ênfase da orientação do PCN no PPP da escola campo da pesquisa se comprova na organização dos componentes curriculares e competências em ciclos, no desenho curricular que indica competências específicas nas disciplinas a serem alcançadas em dois níveis[2] e a defesa da transdisciplinaridade do conhecimento.

São elencados no PPP desta escola dezesseis conceitos de competências transdisciplinares par atingir os objetivos de cada conteúdo disciplinar. Santos (2008, p. 75), esclarece sobre a articulação de conhecimentos disciplinares e transdisciplinares assim posto:

> O conhecimento transdisciplinar associa-se à dinâmica da multiplicidade das dimensões da realidade e apoia-se no próprio conhecimento disciplinar. Isso quer dizer que a pesquisa transdisciplinar, no entanto, deve ser enfocada a partir da articulação de referências diversas.

[1] COLÉGIO PEDRO II. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/perguntas-frequentes/250-43-qual-a-composi%C3%A7%C3%A3o-curricular-dos-anos-finais-do-ensino-fundamental-no-col%C3%A9gio-pedro-ii.html>. Acesso em: 20 jul. 2017.

[2] Os níveis referidos no PPP da instituição referem-se ao 3º nível (5º e 6º ano), atual 6º e 7º ano e 4 º nível (7 e 8º ano), atual 8º e 9º ano. (PCN/BRASIL, 1997)

> Desse modo, os conhecimentos disciplinares e transdisciplinares não se antagonizam, mas se completam.

As proposições curriculares contidas no documento dos PCN, orienta, desde 2002, as políticas e práticas curriculares da instituição. No entanto, os departamentos da escola foram adequando as questões curriculares preconizados no PPP nas especificidades de cada disciplina, ou, propondo reformulações curriculares, como no caso do Departamento de Educação Física que reformulou a partir do ano de 2007, as competências relativas às disciplinas contidas no documento relativo ao ano de 2002 (SALGADO, *et al*., 2016).

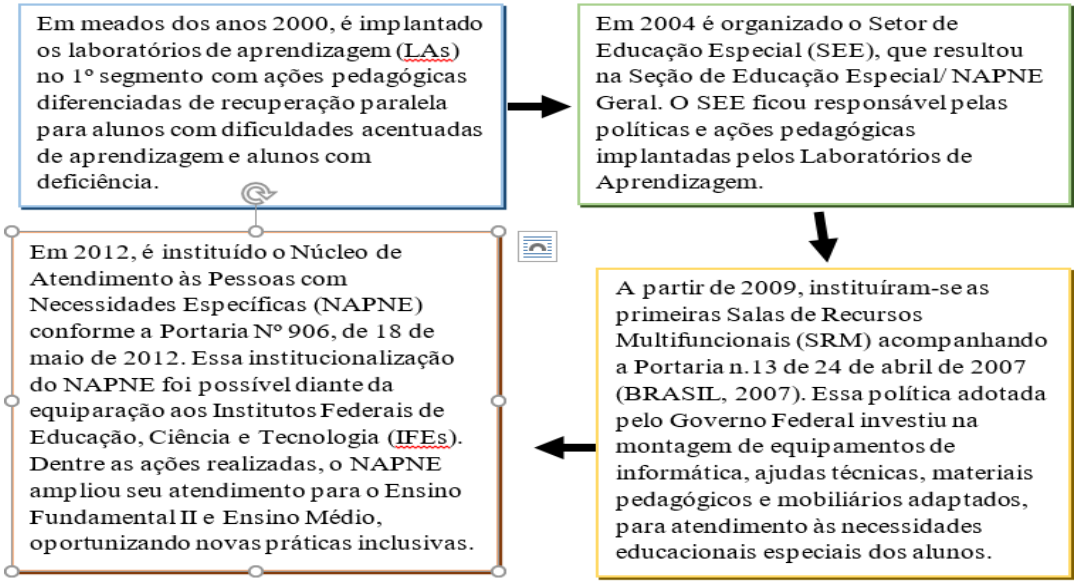
Desde 2014, as atenções da instituição se concentram para a produção do Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI). Organizado em grupos de trabalho, o novo documento vem sendo formulado, tendo como referência um texto base e recebendo diversas contribuições para a confecção da redação final. No ano de 2017, foi instaurado audiências públicas, convidando a comunidade escolar para participar dos debates sobre a documento parcial do PPPI.

Diferente da minuta parcial do PPPI que garante a discussão e presença de um capítulo exclusivo para Educação Especial, o Projeto Político Pedagógico produzido em 2002 não garantiu destaque para o tema, conforme análise de documentos da escola. As questões do campo socioeconômico e perfil cultural dos estudantes são expostos pelo documento como características mais relevantes na discussão sobre diversidade escolar.

Desta maneira, cabe um melhor entendimento das alternativas oferecidas pela instituição para atender essa diversidade que contempla os estudantes com necessidades educacionais especiais (NEES).

Frente à necessidade de atender estudantes com NEES e andar em consonâncias com as políticas de educação especial na perspectiva da inclusão escolar, a instituição alvo deste estudo passou a atender esta demanda, de maneira sistematizada, a partir dos anos 2000, conforme descrito por Marin (2015, p.54), pois era necessário “apoiar um número cada vez maior de estudantes que apresentava fraco desempenho acadêmico e dificuldades para acompanhar o ensino.” Apresentamos a seguir um organograma elencando as principais ações neste cenário, alvo desta pesquisa.

Quadro 5. Organograma principais políticas adotadas pela instituição na área da educação inclusiva.



Fonte: Marin (2015) e o site da página da instituição.

Esse processo histórico das ações estruturadas de educação especial na instituição alvo da pesquisa nos situa para compreendermos o local de pesquisa. O NAPNE, da unidade onde a pesquisa foi realizada, é atualmente coordenado por uma professora e em sua equipe conta com uma fonoaudióloga, uma pedagoga, uma revisora de braile, uma intérprete de libras e um técnico de assuntos educacionais (TAE) [34]. No ano de 2018, de acordo com a nova direção escolar da unidade, haverá uma mudança na coordenação do NAPNE, pelo fato do término da gestão 2014/2017, ocasionando uma relocação de cargos de chefia.

Na gestão 2014/2017 se atribui a sistematização do núcleo no campus por ações que deram notabilidade e investimento em logística e infraestrutura para o núcleo. Tendo como recorte o início do trabalho em 2014, o público alvo das ações do NAPNE era considerado reduzido diante da oferta crescente no decorrer dos anos até os dias atuais. A falta de compreensão dos professores sobre as ações do NAPNE, era expresso pelo comportamento de desconforto em estar no núcleo, bem como, apresentavam dificuldades de lidar com os desafios postos para o ensino de estudantes com NEES. O sentimento de desconfiança também se referia aos estudantes em relação ao NAPNE, conforme apontando a seguir.

> Era perceptível o desconforto, tanto dos profissionais do campus, quanto dos alunos, gerado pela convivência com esses estudantes no ambiente escolar. Alguns profissionais manifestavam angústia de não saber como lidar com a situação. Procuraram meios, mas sozinhos em meio a turmas com muitos alunos, não conseguiam empreender algo mais efetivo. Outros profissionais tentaram começar um trabalho que possibilitasse a inclusão, mas, sem fundamentação teórica sobre as questões específicas que envolviam cada caso, não conseguiam ir muito diante (FARAH; SILVA, 2017, p.57).

[4] Núcleo de Atenção a Pessoas com Necessidades Específicas. Colégio Pedro II. Blog do NAPNE. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/napnescii/parcerias-projetos/>. Acesso em: 24 jul. 2017.

Para efeito de elucidação, é importante destacar a ampliação das ações do NAPNE-SCII nos primeiros dois anos do projeto. No quadro abaixo podemos entender o aumento elevado do público alvo para o NAPNE, tendo como referência o ano de 2014 e o ano de 2015

Quadro 6. Quantidade de estudantes com diagnósticos atendidos elo NAPNE

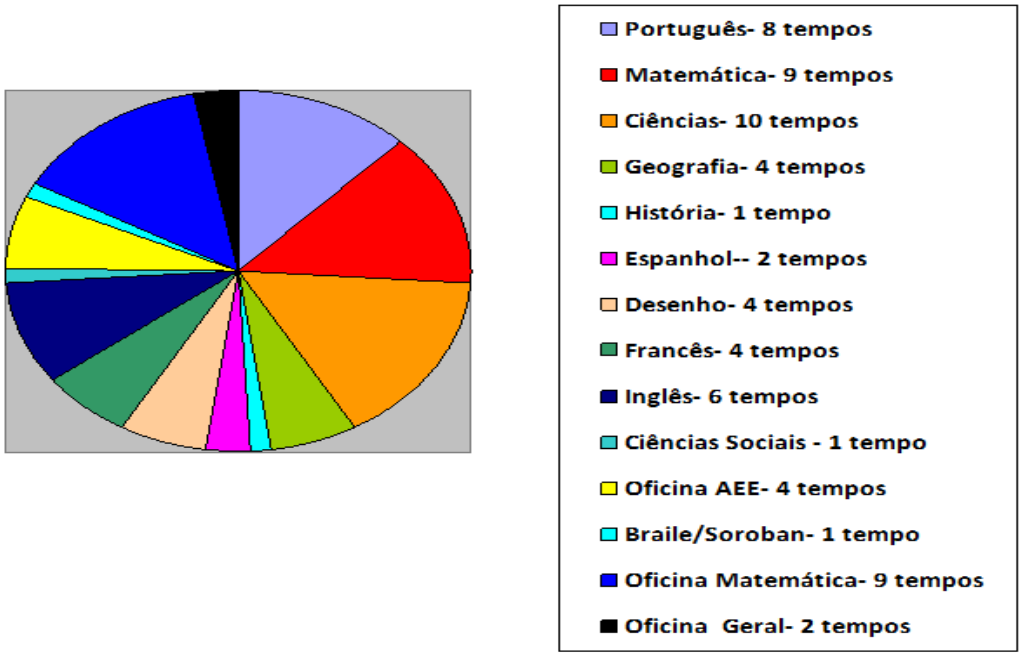
DIAGNÓSTICO	**2014**	**2015**
	QUANTIDADE DE ESTUDANTES	**QUANTIDADE DE ESTUDANTES**
Autismo	2	2
Deficiência Múltipla	1	2
Deficiência Auditiva	1	2
Deficiência Intelectual	6	10
Deficiência física	1	2
Cego	1	1
Transtornos de aprendizagem	0	63
Total	**12**	**82**

Fonte: Farah e Silva (2017) e os documentos acessados no NAPNE.

A dificuldade de estabelecer dados da quantidade exata de estudantes atendidos pelo NAPNE é devido a própria característica do núcleo de atender "[...] todo e qualquer estudante que bata à nossa porta solicitando ajuda" (FARAH; SILVA, 2017, p.58). Contudo, esse acolhimento característico do NAPNE aos estudantes respeita um planejamento prévio de atendimentos referente as demandas apresentadas na condição de aprendizagem de cada disciplina. Na 3ª certificação de 2017, estavam inscritos aproximadamente 110 estudantes distribuídos em atendimentos correspondentes as disciplinas do Ensino Fundamental II e as oficinas oferecidas pela equipe do NAPNE. No gráfico n.1, que segue, é apresentado um panorama destes atendimentos pelo NAPNE.

Atualmente, são 22 professores do Ensino Fundamental II, além da equipe do núcleo, destinando carga horária especifica para as atividades do NAPNE. As disciplinas de Matemática, Ciências e Português obtém maiores números de atendimentos. A quantidade de estudantes contemplados em cada atendimento varia em atividades individuais e grupos, de aproximadamente oito estudantes. O número de estudantes é organizado por diversos fatores: quantidade de professores disponíveis para o atendimento no NAPNE, o encaminhamento pelos professores do turno regular, as habilidades e a frequência nos atendimentos e oficinas realizadas no contraturno. A dinâmica de oficinas foi pensada para contemplar a equipe do NAPNE que destinava sua carga horária para dar aula se diferenciando do atendimento dos professores de cada disciplina.

Gráfico 1. Quantidade de atendimentos e oficinas/por tempo de aula, realizados em 2017.



Fonte: Documentos acessados no NAPNE

A proposta do NAPNE nesta escola apresentou possibilidades para atender as demandas de estudantes com NEE no Ensino Fundamental II. Para dinamizar as especificidades do currículo neste segmento, houve a integração de professores de cada disciplina ao NAPNE. Essa estratégia vai ao encontro as demandas da escolarização de cada disciplina, ampliando as possibilidades das ações e aprimoramento do atendimento dos estudantes

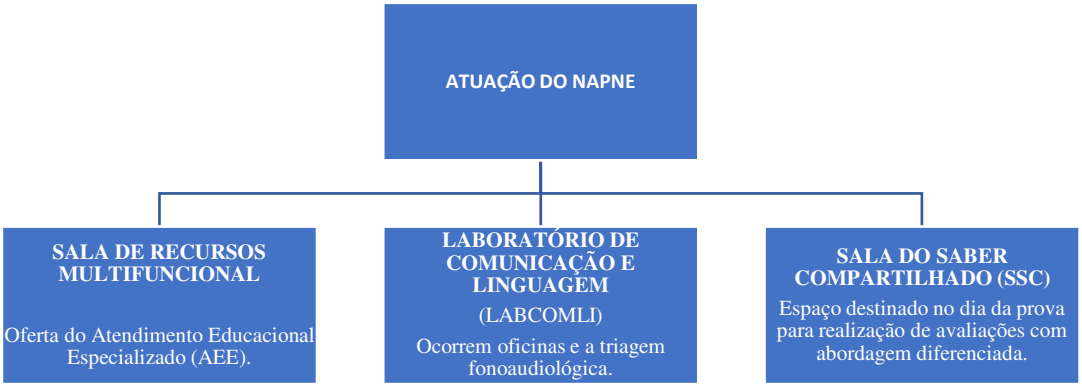
Outro fator relevante é o público alvo atendido pelo núcleo. Em contato inicial, para acesso ao campo, a professora coordenadora enfatiza que a filosofia do NAPNE é proporcionar suas ações para qualquer estudante em situação de dificuldades de aprendizagem, pois,

> No Napne, em linhas gerais, lutamos pela acessibilidade do estudante de qualquer natureza (física, mental, entre outras) de modo que promovamos efetivamente, para cada estudante, o direito de pertence e participar dos grupos com os quais interage (FARAH; SILVA, 2017, p.55).

Essa empreitada visa estabelecer uma heterogeneidade do público alvo e estabelecer um entendimento mais amplo possível ao estudante com NEES. Essas e outras singularidades serão apresentadas a seguir na escolha dos participantes.

A sistematização das ações ofertadas aos estudantes, no campus deste estudo, pode ser observada conforme o organograma abaixo.

Quadro 7. Organograma das Organização das ações do NAPNE.



Fonte: Documentos acessados no NAPNE

A sala de recursos multifuncional (SRM) na escola tem como público alvo estudantes atendidos pela política do Atendimento Educacional Especializado (AEE) como: estudantes com deficiência, transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

As atividades do Atendimento Educacional Especializado são oferecidas no contraturno. No turno regular, o NAPNE disponibiliza profissionais de apoio, conforme preconiza a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) e mediação na sala de aula, ação esta realizada por estagiário. A sala de recursos dispõe de mesas grandes com cadeiras, armários onde se guardam jogos, materiais pedagógicos e documentos além de computadores utilizados geralmente pela equipe do NAPNE, podendo ser utilizado pelos estudantes e professores. A estrutura da sala compõe uma lousa, usada geralmente para dar informes, além de outros papeis informativos que explicitam as atividades realizadas no núcleo.

O Laboratório de Comunicação e Linguagem (LABCOMLI) atua em rede com o NAPNE na triagem realizada pela fonoaudióloga e na realização de oficinas. Após o encaminhamento dos estudantes feito pelos professores do turno regular, geralmente nas reuniões de Conselho de Classe (COC), esses estudantes passam por avaliações onde serão analisadas as habilidades no âmbito geral no campo do raciocínio lógico e matemático e linguístico. O resultado dessas provas proporciona um retorno ao(s) professor(es) sobre a avaliação e convida os responsáveis, quando necessário, esclarecendo possíveis ações, como exemplo, um encaminhamento para buscar atendimento neurológico para o estudante ou explicando a necessidade da realização de atendimentos pelo NAPNE no contra turno.

A indicação para a triagem da fonoaudiologia pode também ser sugerida pelo Setor de Supervisão e Orientação Pedagógica (SESOP) e sugerido pelos responsáveis do estudante. Também são realizadas oficinas na sala do LABCOMLI, como a oficina de língua brasileira de sinais (Libras) oferecido para estudantes e servidores e a oficina oferecida pela fonoaudiologia, dando atenção especial para estudantes com transtorno /distúrbio de aprendizagem e estudantes que se encontram com dificuldades de aprendizagem. Para esse público alvo, existe o desejo do NAPNE na implantação do Laboratório de Aprendizagem no Ensino Fundamental II. Assim, os estudantes com transtornos de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem, como TDAH, dislexia, teriam um espaço com ações pedagógicas que auxiliem no processo de escolarização.

A Sala do Saber Compartilhado (SSC) oportuniza aos estudantes que demandam de estratégias diferenciadas no dia da prova, ações que auxiliem na realização das avaliações. Esse espaço foi fundamental para a organização de um calendário flexível e ampliado para realização de provas. O cronograma diferenciado de provas possibilita uma mobilização da equipe do NAPNE junto com os professores de cada disciplina para realizar ações como a oferta de ledor, mediador, transcritor dentre outros suportes necessário para os estudantes.

Conforme algumas conversas realizadas no NAPNE com a coordenadora do núcleo, foi sugerido o acompanhamento, para este estudo, de quatro estudantes do 8º ano, alvo do atendimento do NAPNE. Pertencentes à mesma turma, os sujeitos em questão junto com os professores do ano escolar são os participantes da pesquisa abordados no item a seguir.

2.2 PARTICIPANTES

A referente pesquisa pensou na participação de professores, equipe pedagógica e estudantes matriculados no Ensino Fundamental II do *Campi* São Cristóvão II.

A proposta de um estudo sobre o cenário do Ensino Fundamental II, envolvendo as ações curriculares com estudantes com NEEs, foi exposto e problematizado como um anseio existente na instituição alvo desta pesquisa, conforme informou a coordenadora do NAPNE, no primeiro encontro pessoal realizado na própria instituição.

Sobre os aspectos que viabilizam a pesquisa e a caracterização dos participantes estudantes, o *Campi* UESC proporciona estratégias sobre as demandas de processo de escolarização dos estudantes com NEEs ao indicar que também são alvo das ações desenvolvidas pelo NAPNE os que apresentam dificuldades no processo de escolarização, sem a caracterização da deficiência, autismo ou altas habilidades. Esse acolhimento com os estudantes, no sentido amplo das NEEs corrobora para reflexões sobre o currículo escolar e seus padrões avaliativos.

Neste contexto, a turma do 8º ano pareceu ser o cenário ideal para a proposta da pesquisa, identificada, em conjunto com a coordenadora e professores do NAPNE, como a turma que demanda

mais ações pedagógicas dos professores. A turma tem 33 estudantes, no turno da manhã, com seguinte a distribuição das disciplinas e tempos correspondentes:

Quadro 8. Distribuição de disciplinas e seus respectivos tempos

	2 FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA	SÁB. I[5]	SÁB. II
	MATEMÁTICA	ED. FÍSICA	PORTUGUÊS	DESENHO	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	DESEHO
	INGLÊS	ED. FÍSICA	FRANCÊS	CIÊNCIAS	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	DESENHO
	PORTUGUÊS	C. SOCIAIS	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	INGLÊS	GEOGRAFIA	HISTÓRIA
	PORTUGUÊS	C. SOCIAIS	MATEMÁTICA	ARTES	INGLÊS	GEOGRAFIA	HISTÓRIA
	FRANCÊS	HISTÓRIA	ED. MUSICAL	GEOGRAFIA	PORTUGUÊS		ARTES
	FRANCÊS	HISTÓRIA	ED. MUSICAL	GEOGRAFIA	PORTUGUÊS		ARTES

Fonte: Documentos acessados na instituição

Para estabelecer uma aproximação com os professores da turma, foi importante para contatá-los para saber qual era o horário dos intervalos entre uma aula e outra, momento propício para marcação de entrevistas e conversas pontuais.

Neste contexto, foram **participantes** os professores da turma 805, os professores que realizam atividades no NAPNE e demais integrantes desta equipe pedagógica, além dos próprios estudantes. A participação desses professores na pesquisa foi beneficiada pelo motivo de alguns professores do turno regular realizarem atividades no NAPNE no EF-II.

No NAPNE, a equipe multiprofissional consiste em 6 profissionais concursados distribuídos em diversas funções, conforme podemos visualizar no quadro a seguir.

[5] A instituição distribui no ano letivo uma alternância de disciplinas no sábado denominadas sábado I e sábado II.

Quadro 9. Caracterização dos participantes do NAPNE.

FUNÇÃO	SEXO	FORMAÇÃO	CARGA HORÁRIA	TEMPO DE ATUAÇÃO NO NAPNE
Coordenadora (C1)[6]	F	Mestre em Língua Portuguesa e especialista em Educação Inclusiva.	40h	4 anos
Revisora em Braille (T1)	F	Ensino Médio completo. Especializada em revisão de textos braile (120h)	40h	3 anos
Tradutora e Intérprete em Libras (T2)	F	Ensino Superior em Serviço Social e especialização em Tradução e Interpretação de Libras.	30h	3 anos
Pedagoga (T3)	F	Ensino Superior em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia e Mestranda em Diversidade e Inclusão	40h	3 anos
Técnico em Assuntos Educacionais (TAE)-(T4)	M	Licenciatura em Matemática, especialização em Novas Tecnologias no Ensino de Matemática e "Míster em Física y Matemáticas com especialidade em Biomatemática".	30h	2 anos
Fonoaudióloga (T5)	F	Ensino Superior em Fonoaudiologia, curso de Aprimoramento em Dislexia e outros, Distúrbios de Aprendizagem e Aprimoramento em Diversidade Escolar.	30h	3 anos
Estagiária (mediação-T6)	F	Cursando a graduação de Pedagogia.	20h	-
Estagiária (T7)	F	Cursando a Graduação de Pedagogia	20h	-

Fonte: Dados extraídos das entrevistas concedidas pelos profissionais

O NAPNE também conta com duas estagiárias de pedagogia que destinam carga horária de 20h semanais. Uma das estagiárias foi alocada para atuar como mediadora em sala de aula, conforme função denominada pelo NAPNE, de dois estudantes da turma pesquisada. Além disso, existe uma profissional de apoio para atuar na turma no atendimento de uma aluna que demanda de auxílio para a mobilidade da cadeira de rodas, higiene pessoal e nas atividades em sala de aula como cópia no caderno do registro na lousa.

O levantamento inicial apontou que existem 12 professores que lecionam na turma no turno regular. Foram entrevistados 8 professores da turma 805, de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

[6] As siglas correspondem ao cargo desempenhado na instituição e serão utilizadas para identificar tais participantes.

Quadro 10. Caracterização dos professores.

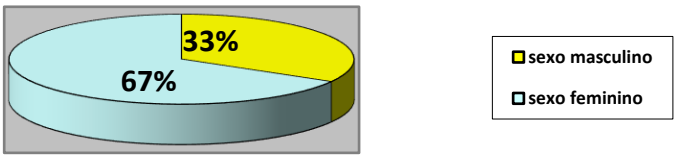
FUNÇÃO	SEXO	FORMAÇÃO	CARGA HORÁRIA
Professor de Artes Visuais (P-1)	M	Licenciatura em Artes e especialização em Tecnologia Educacional.	40h
Professor de História (P-2)	M	Ensino Superior em História	40h
Professora de Francês (P-3)	F	Licenciatura em Letras- Português/Francês e especialização em Língua Estrangeira-Francês.	40h
Professora de Música (P-4)	F	Graduação e Mestrado em Música e Especialização em Psicopedagogia.	40h
Professor de Inglês (P-5)	M	Licenciatura em Letras- Português/ Inglês e Doutorando em Língua Estrangeiras- Inglês	40h
Professora de Ciências (P-6)	F	Ensino Superior em Ciências Biológicas	40h
Professora de Matemática (P-7)	F	Licenciatura em Matemática	40h
Professora de Português (P-8)	F	Licenciatura em Letras/Português	40h

Fonte: Dados extraídos das entrevistas concedidas pelos profissionais

Os gráficos abaixo apresentam a caracterização destes, conforme descrição de sexo, formação e faixa etária. Os dados foram obtidos através de formulário preenchido pelos participantes nos dias das entrevistas.

Relacionado à questão do sexo, foram 3 professores que responderam sexo masculino e 5 professoras do sexto feminino, assim caracterizada:

Gráfico 2. Caracterização dos participantes conforme o sexo.



Fonte: Dados extraídos das entrevistas concedidas pelos professores

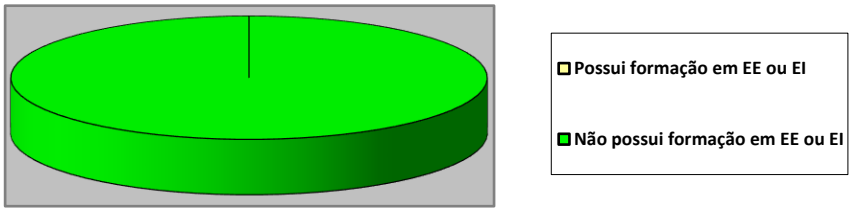
O perfil docente traçado no PPP da escola projetou um percentual de 70,41% para o gênero feminino e 29,59% para o masculino (COLÉGIO PEDRO II/ BRASIL, 2002), dado que se aproxima dos dados deste estudo.

Sobre a formação docente, os participantes declararam não terem tido abordagem alguma sobre Educação Especial ou Educação Inclusiva. Esse dado expõe uma realidade presente no Ensino Fundamental II e corrobora com dados de outros estudos sobre a necessidade de atender o público alvo conforme os autores destacam abaixo.

> Os números expostos no último senso escolar (INEP, 2012) reforçam a urgência da melhora da formação de professores em nosso país. Aproximadamente 80% dos alunos com necessidades educacionais especiais estão matriculados na rede pública de ensino. Foi possível observar um crescimento no número total de matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais entre os anos de 2011 e 2012, de 584.124 para 628.768 (uma variação de 7,6%). Os dados também mostraram que mais de meio milhão de alunos com necessidades especiais estavam matriculados no ensino fundamental, um avanço de 7,7% com relação ao ano anterior. O maior crescimento no número de matrículas deste sistema, porém, deu-se no ensino médio, representando um aumento de 24,9% (GRECUOL, GOBBI e CARRARO, 2013, p.311).

Os dados expõem a necessidade de atender as especificidades dos estudantes "assegurando que os currículos dos cursos de formação e capacitação de professores estejam voltados para prepará-los a atender alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares". (GLAT; NOGUEIRA, 2003, p.139) Os relatos dos professores participantes que procuraram abordar esse assunto partiram do argumento de desejarem se capacitar em Educação Especial ou Educação Inclusiva, desde que essa formação seja oferecida pelo núcleo de referência na área, no caso o NAPNE.

Gráfico 3. Caracterização dos participantes sobre formação em Educação Especial ou Inclusiva.

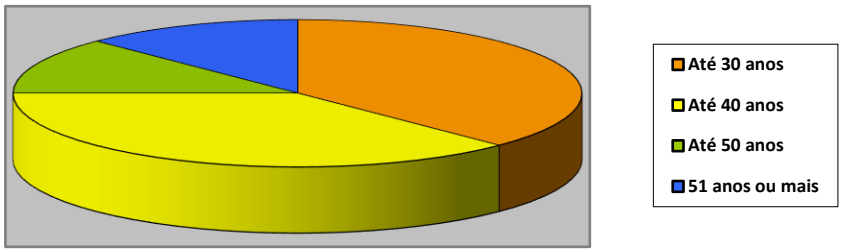


Fonte: Dados extraídos das entrevistas concedidas pelos professores

Sobre o perfil dos docentes, por faixa etária, os dados contidos no documento PPP mostram que existiam 1,22% de professores até 25 anos, 1,94% até 30 anos, 31,73% até 40 anos, 20,41% até 50 anos e 5,92% maior de 50 anos.

No gráfico abaixo, 3 professores declararam possuir até 30 anos, 3 professores com faixa etária até 40 anos, 1 professor até 50 anos e 1 professor com 51 anos ou mais. De acordo com a direção da unidade, o aumento de professores com idade até 30 anos ocorre pela maior oferta de contratos temporários, carga horária de 40 horas.

Gráfico 4. Caracterização dos participantes conforme a formação a faixa etária



Fonte: Dados extraídos das entrevistas concedidas pelos professores

Foram participantes, também, os estudantes da turma do 8º ano atendidos pelo NAPNE na escola. Logo, temos quatro estudantes alvo para as investigações relacionadas a esta pesquisa, identificados no quadro 11, em seguida.

Quadro 11. Caracterização dos alunos alvo.

Estudante	Sexo	Idade	Diagnóstico	Atendimentos Inscritos no NAPNE
M.	M	14	Deficiência física	Matemática
A.	F	14	Deficiência física/ Síndrome de Charcot	----------
L.	M	15	Deficiência Intelectual	Português Ciências Inglês AEE[7]
Y.	F	14	Déficit Cognitivo	Português Ciências Inglês AEE

Fonte: Dados extraídos nos documentos acessados.

Conforme posto anteriormente, a flexibilidade do NAPNE referente à estratégia institucionalizada para contemplar estudantes em situação de vulnerabilidade no processo de escolarização coloca o cenário alvo da pesquisa em condição ampliada, pois caracteriza uma multiplicidade de sujeitos com diferentes trajetórias escolares em relação ao currículo e seus desdobramentos no processo de ensino ofertado, também no turno escolar da turma do estudante.

As estratégias pensadas para esses estudantes partem da disponibilidade para estar nos atendimentos no contraturno. A inviabilidade da aluna A de estar nos atendimentos no contraturno é um exemplo. Atendimentos no mesmo horário para os estudantes L e Y foram pensados para acompanhar o entrosamento da dupla na sala de aula e melhor estruturar as atividades quando presentes, pois a assiduidade de ambos era um fator a ser observado e articulado.

O estudante M também teve sua inscrição no atendimento reorganizada pela mudança de prioridades no atendimento da disciplina e disponibilidade da professora. Assim, o estudante recebe

[7] O atendimento identificado como AEE era desempenhado pela Pedagoga do NAPNE e se consistia na organização de planos de estudos para auxiliar nas disciplinas do 8º ano.

atendimento em Matemática quando por algum motivo falta a aula, por exemplo. Assim, este tem a possibilidade de ter acesso ao que aconteceu na aula em que faltou.

Outro aspecto imprescindível para a análise sobre o perfil dos estudantes é a faixa etária pertencente no Ensino Fundamental II. Em período regular a classificação etária de 11 a 14 anos[8] evidencia uma fase dita de transição da pré-adolescência. O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2015) classifica jovens a partir de 15 até 18 anos como jovens adolescentes. O termo pré-adolescente ainda é tratado como uma fase de transição sem uma demarcação social que garanta seu empoderamento na sociedade. Para Freitas (2013, p.5) "podemos sugerir que o início da puberdade corresponde à pré-adolescência, ou seja, o término da infância e o início da adolescência, transição que pode causar alguns impactos no convívio familiar, escolar e social." Assim, cabe nos atentarmos as essas singularidades compreendidas nessa faixa etária para atuarmos no campo de pesquisa de forma coerente e pertinente aos sujeitos envolvidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Martucci (2001) existem três tipos de técnicas de pesquisa pertinentes para o estudo de caso, as quais foram adotadas neste estudo:

- Observação participante: Essa denominação representa a interação do pesquisador com o objeto de estudo, considerando o contexto social e os sujeitos envolvidos, podendo influenciar e ser influenciado na observação das ações.
- Entrevista: Caracteriza-se num diálogo estabelecido por duas pessoas, em que o entrevistador busca obter o máximo de informações de forma objetiva e intencional.
- Textos escritos pelo sujeito: As vivências expressas em diário de campo em primeira pessoa registadas por depoimentos e outras fontes de informação são fundamentais para analisar em conjunto com a observação participante e da entrevista.

Além disso, observamos a importância da articulação entre a aplicação dos instrumentos de pesquisa, pois um poderá favorecer a aplicação dos demais instrumentos e possibilitará, em maior ou menor abrangência, o reconhecimento dos aspetos e realidade que cerca os participantes e o objeto de pesquisa.

Nos primeiros contatos, onde já se caracteriza a fase inicial das observações, a relação estabelecida com coordenadora do núcleo possibilitou um vínculo fundamental para a realização de novos encontros a serem realizados. A preocupação de apresentar a sala do NAPNE e alguns funcionários que estavam presentes, além de expressar sua concepção em relação à educação especial,

[8] A resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010 (CNE/BRASIL, 2010) orienta que a escolarização do Ensino Fundamental compreende a duração de 9 anos contemplando a faixa etária de estudantes com 6 a 14 anos. Essa idade própria não restringe aos demais estudantes em obter condições de frequentar o processo de escolarização do Ensino fundamental.

proporcionou uma melhor orientação sobre as posições dos sujeitos e a dinâmica do trabalho no NAPNE.

Devido à dinâmica de horários dos professores do Ensino Fundamental II e equipe pedagógica, o pesquisador necessitou se adequar às demandas da grade de horários, da matriz curricular do Ensino Fundamental II (EF-II) e da organização institucional na área da educação especial. Desta forma, foi substancial para a realização da pesquisa concatenar aspectos como as questões específicas do processo de ensino e aprendizagem de determinada disciplina, juntamente com as situações comuns que concernem aos estudantes, alvo das estratégias do AEE e a organização de docentes e equipe pedagógica.

As observações foram fundamentais na organização da coleta de dados junto aos participantes do estudo, na estruturação dos instrumentos e técnicas de pesquisa, sendo estes o registro em diário de campo, a entrevista semiestruturada, a observação participante e a videogravação.

Foram realizadas aproximadamente 60 dias de observação participante, sendo 10 dias em sala de aula e 50 dias nos atendimentos realizados pela equipe do NAPNE na sala multifuncional, em horários que variaram entre manhã e tarde, com tempo de duração de 300minutos/ 5horas cada dia. Ao fim do período de observação totalizaram 300 horas de observação entre sala de aula e atendimentos no NAPNE.

No contexto da **observação participante,** o pesquisador posiciona-se além do papel de interlocutor, compreendendo os temas pertinentes à realidade dos participantes. Para Valladares (2007) existem algumas recomendações importantes para realizar observações, consideradas neste estudo, sendo: estabelecer rotina e observar tempo hábil que atenda aos envolvidos; compreender as relações sociais existentes; preservar seu papel de pesquisador e seu olhar “de fora” para o grupo; manter bons contatos no campo de pesquisa; saber observar os erros da pesquisa para aprimorar as ações futuras na abordagem do grupo; a pesquisa exige um legado para o campo de pesquisa.

A percepção e apreensão do cotidiano pela fala dos sujeitos estão inseridas em um contexto que valida um olhar especial para esse tipo de registro baseado na observação. Para Godoy (1995), o pesquisador precisa captar o fenômeno estudado considerando as pessoas envolvidas e todos os aspectos importantes. As características psicossociais relacionadas às observações de um coletivo tornam a imersão dos sentidos existentes uma relação intensa do pesquisador com seu objeto de estudo. Essa relação direta com os atores sociais da pesquisa adverte, conforme Manzotti e Gerwandsznajder (2001), para uma precaução tanto no pertencimento do lugar pesquisado, quanto para o contato e estabelecimento de vínculos com os participantes da pesquisa. Os atores sociais ganham protagonismo por suas práticas e devem ser analisadas com a devida importância. Essas interpretações e análises são compreendidas na citação abaixo como desassociáveis das questões sócio emocionais.

> Na interpretação é importante lembrar que o analista é um intérprete, que faz uma leitura também discursiva influenciada pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências; portanto, a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p.682).

Desta forma, as interpretações invocam uma observação minuciosa sobre as particularidades explicitas e implícitas do contexto. A formulação de hipóteses acompanha o processo de observações em busca de revelações contidas no espaço pesquisado. Nesse processo, as observações puderam ter constatações mais informais das atividades descritas e dos sujeitos analisados e a entrevistas complementaram os vínculos sociais para uma compreensão ampla do contexto pesquisado.

Para melhor elucidação dos relatos e observações coletados, alguns recursos como imagens, quadros, esquemas e transcrição de momentos importantes são apresentados neste trabalho. Mazzotti (2006) afirma que a pesquisa deve expressar para os leitores as experiências do objeto estudado de forma suficientemente descritiva. Pensar nestas estratégias e recursos para o registro é uma preocupação necessária para transpor com clareza as experiências advindas da relação com os sujeitos e o ambiente (COUTINHO; CHAVES, 2002).

Importante entendermos as diferentes possibilidades de entrevista e métodos investigativos. No primeiro contato estabelecido no NAPNE, observamos que os envolvidos nas atividades do núcleo possuíam anseios que reforçavam as hipóteses do problema de pesquisa. Planejando as observações participantes futuras, os encontros foram realizados com o caráter de sondagem, para então delinear a entrevista a ser aplicada. Importante destacar que esse tipo de atividade para a entrevista não diminui as responsabilidades e preocupações para execução desse instrumento, contudo estimula a fase exploratória nesse processo investigativo. Conforme endossa Duarte (2004, p.2016) “Realizar entrevistas, sobretudo se forem semiestruturadas, abertas, de histórias de vida etc. não é tarefa banal [...]”.

As informações geradas do acesso aos documentos sobre o percurso escolar dos estudantes participantes, sobre os dados de quantidade de atendimentos realizados e frequência dos estudantes, os critérios de avaliação e demais questões do cotidiano curricular foram registradas com fotografias e anotações no bloco de notas. Alguns documentos estão disponíveis na internet, como o projeto político pedagógico da instituição e algumas ações realizadas na escola, sendo atualizadas no site da instituição.

Na medida em que as informações proporcionadas pelas entrevistas foram coletadas, os roteiros direcionaram de forma flexível as possibilidades de instigar relatos que reunissem mais dados para o estudo. A dinâmica de flexibilidade dos dados coletados nas entrevistas acompanhou um prévio desenho de roteiro. A constituição de temas gerais e uma certa liberdade para a relação de pergunta e resposta do entrevistador com o entrevistado, indicou que as provocações e formas de interlocução na entrevista podiam suscitar encaminhamentos diversos na coleta de dados.

A coleta de dados, a partir desta técnica, fica prevista para o momento em que a consolidação das observações ofereça a oportunidade de executar a aplicação da entrevista semiestruturada. Para Minayo (2013) a entrevista semiestruturada é ideal por flexibilizar o número de participantes, tendo o entrevistador a condição de estimular as conversas em busca de coletar informações e otimizar esses dados para a pesquisa. E, nesse sentido, a organização do instrumento combinou perguntas fechadas e abertas na perspectiva de extrair do sujeito ideias e experiências, respeitando suas questões socioemocionais e psicossociais, na construção dessa confiabilidade na entrevista, pois.

> [...] para se estabelecer uma relação de confiança, é necessário um conjunto de elementos (sentimentos, pensamentos, motivações) que não é possível tratar aqui. Mas, além da já comentada importância do trabalho pessoal e humano do pesquisador, cabe apontar que o pesquisador deve ter um respeito profundo pela condição do outro, pelas suas experiências e histórias (NARITA, 2006, p.27).

A aplicação de entrevistas pede que o pesquisador tenha atenção a alguns detalhes de forma que este instrumento se torne, de fato, um meio de coleta de dados possível e pertinente ao seu fim. Conforme Belei *et al*. (2008, p.190), há algumas dicas de comportamento do pesquisador no momento da entrevista que merecem ser consideradas:

> Um bom entrevistador é aquele que sabe ouvir, mas ouvir de forma ativa, demonstrando ao entrevistado que está interessado em sua fala, em suas emoções, realizando novos questionamentos, confirmando com gestos que o ouve atentamente e que quer compreender suas palavras, mas sem influenciar seu discurso. Ele aprofunda o relato do participante e mostra atenção sobre detalhes importantes.

Tendo como objetivo extrair o máximo da comunicação entre o pesquisador e os participantes, o êxito da proposta da entrevista demanda do conhecimento do pesquisador sobre o teor das perguntas e direcionar perguntas claras, engendrando dados imprescindíveis para o conhecimento sobre o objeto do estudo. As entrevistas feitas com os participantes forneceram informações e experiências imprescindíveis para compreender a realidade local.

As entrevistas foram realizadas na sala do NAPNE e no Laboratório de Comunicação e Linguagem (LABCOMLI). A maioria das entrevistas ocorreu no LABCOMLI devido ao laboratório possuir menos atendimentos em relação à sala do NAPNE, ajudando na captação de som e reservando um espaço para esse momento. Para este momento utilizamos a videogravação para o registro dos depoimentos e gravação em áudio, para aqueles participantes que se sentiam mais à vontade com o áudio, somente.

E, a partir da articulação e sistematização das destes três instrumentos de pesquisa, a **videogravação** foi aplicada como um quarto instrumento e meio de registro da realidade pesquisada. Esta teve a finalidade de "reproduzir a fluência do processo pesquisado" [...], observar pontos que muitas vezes não são percebidos", como afirmam Belei *et al*. (2008, p. 193). As imagens coletadas,

em 16 sessões com duração de 60 minutos cada sessão, além de servirem para ampliar as características e peculiaridades do objeto observado serviram de base para a organização e elaboração do produto produzido para este estudo. Além destas considerações sobre esta forma de coleta de dados, vale salientar que o registro da imagem, conforme apontam Belei (*ibdem*),

> [...] oferece à prática de observação e descrição, um suporte a mais, um novo olhar [...] O uso da videogravação revolucionou as práticas diárias das pessoas e permitiu que os avanços fossem incorporados também às ações educativas[...].

Para além da observação participante e da entrevista semiestruturada, **o registro das notas de campo** foi outro instrumento que, em conjunto com estes dois já explanados, compôs os meios de coletas de dados. A importância das notas de campo reforça o caráter primordial desse instrumento de pesquisa.

As notas de campo foram produzidas no contexto da pesquisa encarada como técnica investigativa de grande valia. Assim, é descrito a seguir um exemplo de como foi feito o registro das notas de campo.

> Nota do diário de campo (15/ 12/ 17):
> Na sala do NAPNE, o aluno M juntamente com outro colega de turma que forma sua dupla utilizam o espaço para a realização de uma atividade de casa de Francês. A mãe do aluno M está presente e os ajuda na atividade. O trabalho se consiste em reproduzir em uma maquete os cômodos de uma casa, identificando na língua francesa cada móvel e seus cômodos. A dupla do aluno M aparenta não estar muito interessado em realizar a atividade e sai da sala do NAPNE deixando o aluno M e sua mãe realizando a atividade. A professora de Francês entra na sala e pergunta o motivo do aluno M estar fazendo sozinho a atividade. As evidências incitam a professora em transpor um descontentamento com o outro aluno, dizendo que ia tirar pontos de participação do colega do aluno M. Em outra mesa, a professora de Ciências está ensinando para 4 alunos pertencentes ao público alvo do NAPNE. A Revisora em Braille está em outra mesa ouvindo um áudio no celular.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In. ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001. p. 109-188

_____ Usos e abusos dos estudos de caso. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637–651, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/BdSdmX3TsKKF3Q3X8Xf3SZw/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 10 jul. 2024

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. G. F. D. da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. Revista Paidéia. Ribeirão Preto, n.2, p.61-69, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 12 ago. 2017.

ANDRE, M. E. D. A. de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BELEI, R. A.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; NASCIMENTO, E. N.; MATSUMOTO, P. H. V. R. O uso de entrevista, observação e vídeo- gravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, v.30, p.187-199, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 11 ago. 2017.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei nº 13.146, 6 de Julho de 2015. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência). Diário Oficial. Brasília, DF, 06 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/ L13146.htm>. Acesso em: 04 jun. 2017.

_____. Ministério da Educação. NOTA TÉCNICA – SEESP/GAB/Nº 11/2010. Orientações para a institucionalização da oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE em Salas de Recursos Multifuncionais. Brasília, 2010.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRESSAN, F. O método do estudo de caso. Administração On line, São Paulo v. 1, n.1, 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online / art11/ flavio.htm>. Acesso em: 19 dez. 2017.

CAREGNATO, R. C. A. ; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto & Contexto - Enfermagem, v. 15, n. 4, p. 679–684, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 10 jul. 2024.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista portuguesa de educação. Braga, v 16, n. 2 p 221-236, Jan.-Abr., 2003. Disponível em : www.scielo.com.br. Acesso em: 15 Jun. 2017.

COIMBRA, M. N. C.T; MARTINS, A. M. O. O estudo de caso como abordagem metodológica no ensino superior. Nuances: Estudos sobre Educação. Presidente Prudente, v.3, n 3, p. 31-46, set./dez.

2013. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2696. Acesso em: 10 jul 2024.

COLÉGIO PEDRO II. Minuta do Projeto Político Pedagógico Institucional- PPPI. Rio de Janeiro, 2017.

COUTINHO, C.P. e CHAVES, J.H. 2002. O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. Revista Portuguesa de Educação, v.15, n.1, p.221-244. https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/492. Acesso em: 10 jul 2024

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Revista: Educ. Ver. Online. Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 01 ago. 2017.

FARAH, A., SILVA; P. R. Refletindo sobre identidades e pluralidades no Colégio Pedro II: Indo além dos esteriótipos. In: CERDERA, Cristiane; REIS, Bruno (org.). Ouvi na escola: Relatos sobre gênero e Diversidade no Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Elite, 2017, p. 48-60.

FRASER, M. T. D. e GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, Ribeirão Preto, v.14, n.28, p. 139-152, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/. Acesso em: 10 jul. 2024.

GIBBS, G. Análise de dados qualitativos. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?lang=pt. Acesso em: 10 jul. 2024

GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. de L. A formação de professores para a Educação Inclusiva. Revista Comunicações, Piracicaba, 2003.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GREGUOL, M.; GOBBI, E.; CARRARO, A.. Formação de professores para a educação especial: uma discussão sobre os modelos brasileiro e italiano. Rev. bras. educ. espec. [online]. 2013, vol.19, n.3, pp.307-324. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382013000300002ISSN>. Acesso em: 19 abr. 2018.

GUERRA, I. C. Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso. Estoril: Principia; 2006.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa, Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, p. 201-210.

MARIN, M. Inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais no segundo segmento do ensino fundamental em um espaço de excelência acadêmica. 2015. 194f. Número de folhas? Tese (Doutorado em Educação) — Universidade do Estado do Rio de janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. Revista de Contabilidade e Organizações, v. 2, n. 2, Jan./Abr., 2008, p. 9-18. Disponível em; https://www.revistas.usp.br/rco/article/view/34702. Acesso em: 10 jul. 2024.

MARTUCCI, E. M. Estudo de caso etnográfico. Revista de Biblioteconomia de Brasília,v. 25, n.2, p. 167-180, 2001. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46516. Acesso em: 10 jul 2024.

MEIRINHOS, M.; OSÓRIO, A. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. EDUSER: Revista de Educação, v.2, n. 2, 2010. Disponível em: https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/%20article/view/24. Acesso em: 10 jul.2024.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In.: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, C. S. (Orgs.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: ucitec-Abrasco, 1998.

NARITA, S. Notas de Pesquisa de Campo em Psicologia Social. Psicologia & Sociedade, vol. 18(2), p. 25-31, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: ago. 2017.

SÁCRISTAN, J. G. Aproximação ao conceito de currículo. In: SÁCRISTAN, José Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SALGADO, et al. A reforma curricular no Colégio Pedro II e o currículo da disciplina de educação física. J. Phis Educ. vol. 27, c2747, pp.2-12, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/30114/18001>. Acesso em: 15 nov. 2017.

TRIVIÑOS, A. N. da S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participantes. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. São Paulo, v.22, n.63, p. 153-155. Fev. 2007. Disponível em: <www.scielo.br/scielo>. Acesso em 10 set. 2017.